Meio Ambiente

A região de Itapema tem clima subtropical úmido, com duas estações bem definidas: inverno e verão. A temperatura média anual é de 20°C. O verão é quente, com oscilações térmicas entre 17 e 35°C. O inverno é frio, com oscilações que variam de 8 a 20° C. A umidade média do ar fica em torno de 85%, favorecida pelas correntes marinhas, que impedem a formação de massas de ar seco por muito tempo na região. O nível de precipitação anual varia em torno de 1.700 milímetros, distribuídos ao longo de todo o ano, com maior precipitação no verão. Os principais ventos são os nordeste e sul. O vento nordeste se caracteriza pela sua maior freqüência. O vento sul possui maior intensidade, porém em menor freqüência que o vento nordeste.
O relevo do município de Itapema faz parte do conjunto geomorfológico denominado regionalmente Serra do Tabuleiro/Itajaí e Planície Costeira. É possível distinguir esses dois conjuntos através das altitudes. As terras altas, constituídas de formações rochosas, são caracterizadas pela Serra enquanto as terras baixas, predominantemente planas, onde se desenvolvem os depósitos sedimentares, são caracterizadas pela Planície. Esta é caracterizada por uma área de transição entre ambientes continentais e marinhos.



Rio Perequê.
Fonte: acervo da autora. Fotografia tirada em 2014.

O rio Perequê, que nasce no Morro da Miséria e do Trombudo, no conjunto geomorfológico da Serra do Tijucas, é o mais importante rio do município, tanto em volume d'água como em extensão. Devido ao fato de a planície costeira ser muito estreita na região, o rio Perequê tem apenas 10 km de extensão, sendo encachoeirado em altitudes mais elevadas. Ao atingir a planície, cortando a área rural do município na Comunidade Rural do Sertão do Trombudo e, até sua foz ao sul do bairro Meia Praia, passa a servir de limite entre os municípios de Itapema e Porto Belo.
Em termos de comunidade vegetal, o sitio original se caracterizava pela predominância da Mata Atlântica, da Mata da Planície Quaternária e pela Vegetação Costeira. A vegetação conhecida por Floresta Ambrófila Densa (Mata Atlântica), que cobre parte da Serra de Tijucas, está presente nas terras de Itapema nos morros dos Macacos, Cantagalo e Encano. A região da planície é marcada pela cobertura da mata da Planície Quaternária. A Vegetação Costeira encontra-se em contato direto com as águas dos rios e do oceano Atlântico, caracterizada pela restinga e pelo mangue, estes Junto à foz dos rios, nas áreas alagadas.
A Floresta Ombrófila Densa, também chamada de Mata Atlântica, é uma formação vegetal brasileira que acompanhava o litoral do país do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte. Caracterizada pela pujança, elevada densidade e heterogeneidade de espécies vegetais e animais, a Mata Atlântica do sul do Brasil, incluindo o município de Itapema, caracteriza-se por diversos estratos vegetais. Klein (1978) distingue quatro estratos principais: o superior, configurado por árvores de até 30 m de altura; o médio, com árvores de aproximadamente 9m de altura e os estratos arbustivo e herbáceo. São também abundantes epífitas pertencentes a diversos grupos vegetais (aráceas, orquidáceas, piperáceas, etc), que acentuam o aspecto tropical da formação. A fauna da Mata Atlântica é também extremamente rica - nas encostas podem ser encontrados, ainda numerosos mamíferos (marsupiais, macacos, roedores), aves e répteis. Os outros ambientes costeiros (manguezais, restingas) possuem alto grau de interdependência com a Mata Atlântica, que resultam em consideráveis trocas de energia e nutrientes.

A Floresta da Planície Quaternária constitui-se numa zona de transição entre os ambientes configurados pela Mata Atlântica e as planícies costeiras. É constituída de sedimentos recentes, do período quaternário, litologicamente formado de cascalhos pleistocênicos encontrados nas partes baixas e colinas marginais, e sedimentos flúvio-marinhos. A vegetação dessa planície é caracterizada por os estratos arbustivos e herbáceos e também por árvores que variam de 10 a 15 metros de altura, destacando-se a figueira de folha miúda, a cupiúva, canela amarela e nas regiões mais úmidas, o ipê amarelo (CONCEIÇÃO, 2004).
As planícies costeiras, com exceção das áreas dos mangues ou lagoas, são ocupadas pela vegetação de restinga, que se caracteriza pela existência de espécies vegetais adaptadas às condições adversas aí encontradas: solo arenoso, salinizado e pobre em substâncias nutritivas. A vegetação que ocorre na linha da praia, mais próxima ao mar, onde as condições de solo e clima são ainda mais adversas, é formada por herbáceas e gramíneas. Em ambientes mais interiorizados, as condições do solo melhoram, e a ação dos ventos e do mar é menor, possibilitando o surgimento de associações mais complexas e de outras espécies de maior porte. Em regiões de águas calmas, sujeitas às inundações das marés, se consolidam as formações pantanosas em que se instalam os manguezais. Estes têm grande importância no conjunto dos ecossistemas costeiros, na medida em que aportam nutrientes ao mar e constituem áreas de alimentação, reprodução e abrigo para muitas espécies marinhas. Suas características paisagísticas têm sido pouco consideradas, seja em função das dificuldades colocadas à acessibilidade, seja em função de suas características pantanosas, pouco propícias à utilização humana (Reis, 2002).

Cidade x Natureza

A partir da ocupação agrícola do território, a exposição dos solos, principalmente da planície quaternária, iniciou o processo de erosão, causando os assoreamentos dos rios e diminuição do seu volume d'água, com o desenvolvimento urbano ocupando parte da planície quaternária e as edificações avançando na areia, esse problema foi ampliado com a impermeabilização do solo através de telhados, ruas calçadas e pátios entre outros.
O volume de água que escoava lentamente pela superfície do solo e ficava retido pelas plantas, com a urbanização, passa a escoar por canais, exigindo maior capacidade de escoamento das águas. Enchentes urbanas são um problema nas regiões baixas de Meia Praia devido, principalmente, à gerência inadequada do planejamento da drenagem.
A utilização de automóveis libera poluentes no ar prejudicando a saúde dos moradores. Com a ocupação urbana, os edifícios criam uma barreira para o ar, dificultando a penetração dos ventos no interior da cidade, que auxiliam no resfriamento térmico no verão e na liberação dos poluentes. Algumas ruas, principalmente aquelas perpendiculares ao mar, tem canalizado ventos, criando ambientes urbanos de difícil apropriação, principalmente quando dos fortes ventos do quadrante sul que atingem a região.
A agricultura, com o uso de agrotóxicos e o crescimento urbano desordenado, ao longo de suas margens dos rios e córregos, torna suas águas poluídas, impróprias para o consumo humano e sobrevivência de muitas espécies aquáticas. A praia já não é mais propícia para banho. A ausência de tratamento de esgoto tem provocado as línguas negras que mancham a areia da Meia Praia e poluem o mar. Hoje, todas as águas do município estão comprometidas devido à poluição de defensivos agrícola, dejetos humanos e lixos diversos. Os rios de Itapema também sofreram o processo de desmatamento e aterro de suas margens, o que reduziu seu volume d'água (RAMBO, 2001; FARIAS, 1999).
O turismo voltou a cidade para a praia, em direção ao mar. Não houve uma valorização das margens do rio Perequê, fazendo com que a ocupação urbana desse costas a ele. Além disso, os aterros nos rios destruíram manguezais o que, somado à poluição de defensivos agrícola, dejetos humanos e resíduos diversos, acelera a destruição do ecossistema local que servia como criadouro de peixes, camarões, siris, caranguejos e algumas espécies de aves marinhas (RAMBO, 2001; FARIAS, 1999).